

A oposição ao conceito clássico de desenvolvimento sob a perspectiva do bem viver

The opposition to the classical concept of development by the good living perspective

André de Sousa Ladeira*

Resumo

O conceito de desenvolvimento foi moldado por vários fatores recorrentes das mudanças históricas na sociedade ao redor do globo, de modo que ele não tenha passado pelos diversos momentos de mudanças políticas e sociais intacto. Nesse processo, novos aspectos foram adotados ao conceito, enquanto outros foram descartados, modificados ou retomados e, por fim, discutidos e difundidos entre as nações do mundo. Entretanto, alega-se que o modelo de desenvolvimento atualmente legitimado pelas nações latino-americanas termina por dar destaque a dois aspectos em detrimento de tantos outros: o crescimento econômico e alcançar a modernidade. Esse modelo é abertamente criticado pelos autores do Bem Viver, um novo caminho ao desenvolvimento que visa abrir um diálogo entre a cosmologia andina e os valores ocidentais, assim como propor uma alternativa ao desenvolvimento clássico.

Palavras chave: Desenvolvimento. Bem Viver. Alternativa ao capitalismo. Sumak Kawsay. Neocolonialismo.

Abstract

The concept of development has been shaped by several factors that comes from the historical changes on society all over the world, so that it has not passed through the periods of political and social change unharmed. In this process, new aspects have been adopted to the concept, while others have been discarded, modified or resumed and, lastly, discussed and widespread through the nations all over the world. However, it is claimed that the development model actually legitimated by the latin-american nations ends up featuring to two aspects in spite of many others: economic growth and to reach modernity. This model is openly criticized by the authors of Good Living, a new way to development which looks for an opening of the dialogue between the Andean cosmology and the western values, as well as proposing an alternative to the traditional way of development.

Keywords: Development. Good Living. Alternative to capitalism. Sumak Kawsay. Neocolonialism.

* Graduando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Contato: ladeira.dedo@gmail.com

Introdução

Hoje em dia, uma discussão acerca do conceito de desenvolvimento questiona seus preceitos mais básicos, que foram criados e institucionalizados ao longo do século XX. Esta discussão é proveniente de um período de crises ambientais e sociais que vêm sendo expostas em todo o planeta, principalmente naqueles lugares onde se adotaram as medidas modernizantes propostas pelo modelo de desenvolvimento clássico. Críticas estruturais ao capitalismo, modelos alternativos de desenvolvimento, e até alguns conceitos que visam romper com a modernidade capitalista são alguns dos frutos dessa discussão, que podem ser observados em livros, artigos, novas teorias e conceitos, movimentos sociais e religiosos. No presente artigo, será desenvolvida uma pesquisa crítica que visa comparar as ideias clássicas propostas pelo modelo de desenvolvimento ocidental, com as ideias ancestrais e divergentes da lógica capitalista propostas pelo Bem Viver. Portanto, o presente artigo visa comparar essas duas lógicas, buscando evidenciar a capacidade crítica do Bem Viver frente ao modelo clássico de desenvolvimento, assim como sua proposta de ser uma alternativa ao mesmo, se mostrando mais abrangente, inclusivo e sensível com os povos indígenas e com a natureza.

Na primeira parte, uma linha histórica sobre o conceito de desenvolvimento será traçada, tendo como marco inicial o período pós segunda guerra mundial, até a atualidade. Uma herança do pensamento técnico-científico é evidente na elaboração deste conceito. Ao trazer a ideia de causalidade para o desenvolver, uma linha evolutiva pôde ser traçada, e ainda, foi possível situar os países em diferentes estágios desta linha, de acordo com os valores sócio-culturais europeus. Nesse meio, o crescimento econômico também é visto como necessário para desenvolver-se e obter sucesso no processo modernizante.

A segunda parte do artigo apresenta o Bem Viver, uma plataforma em que as críticas ao atual modelo capitalista e de desenvolvimento se encontram com novas propostas para a organização social. A partir de um diálogo entre as culturas milenares andinas, o Bem Viver busca romper com a lógica hierárquica de culturas na qual a cultura moderna ocidental é dominante e as culturas indígenas são submissas para propor a valorização da coletividade e da harmonia.

Por fim, será feita uma análise das críticas do Bem Viver direcionadas ao capitalismo e ao modo de desenvolvimento atual, assim como um paralelo entre suas sugestões de mudança. É interessante ressaltar que o Bem Viver, ao dialogar com os saberes indígenas, situa-se para além da lógica capitalista, colocando-se em uma posição privilegiada para conseguir observar os problemas sociais advindos das muitas décadas em que o homem moderno segue esta mesma lógica.

O conceito de Desenvolvimento

O Desenvolvimento permeou a história dos Estados modernos como objeto de discussão nas esferas econômica, política, social e mais recentemente ambiental. O assunto foi tocado pelos chefes de Estado de todo o mundo, muitas vezes como um tema central e o principal fim para todas as suas motivações públicas. Por exemplo, é ressaltado por Juscelino Kubitschek em 1957: “ninguém é bastante forte para desviar o Brasil do seu caminho, que nenhuma influência maléfica será capaz de impedir o surto do nosso desenvolvimento” (KUBITSCHKEK, 2010, p.22). Mas afinal, o que é desenvolvimento? Uma definição mais ampla, segundo o dicionário Michaelis (2016) desenvolver é:

3 Fazer passar ou passar por um processo de crescimento, e evolução por alterações sucessivas, de um estágio menos perfeito a um mais perfeito ou mais altamente organizado; fazer progredir ou progredir, fazer aumentar ou aumentar a capacidade ou possibilidade de. (WEISZFLOG, 2016)

No entanto, quando usado em um discurso político, este conceito “incorpora” outra forma e, como veremos posteriormente percebe-se que esta forma singular se transforma em várias formas, uma vez que este conceito se transforma na medida em que a história percorre o seu trajeto.

O século XIX foi marcante para a história da civilização ocidental. Habitada pelos filhos da revolução industrial, a Europa passava por um período de racionalidade extrema em que a ciência predominava como a reveladora da verdade e como um instrumento que pretendia terminar com a ignorância; o antropocentrismo afirmava o homem no centro da relação homem-natureza; o colonialismo europeu se espalhava por todo o mundo. Baseado na noção de que a mudança social obedece aos três eixos: evolucionismo, organicismo

e progresso, esse homem ocidental europeu desenvolveu a ideia de que existe uma grande diferença entre os povos tradicionais e povos modernos. Afirmando que os dois estão situados em uma linha evolucionária humana hipotética, os europeus acreditavam que os povos tradicionais estão anteriores aos modernos, ou seja, estão atrasados (SANTOS FILHO, 2005).

A fim de distinguir essas duas categorias de povos mais precisamente, Max Weber descreveu cada uma delas com base no efeito da racionalização crescente da vida, de maneira que os povos tradicionais têm sua propriedade particular vinculada ao status social hereditário, a mercantilização do trabalho é quase inexistente, a força de trabalho é praticamente não livre; as leis são particularistas e aplicadas diferentemente para os grupos sociais; o mercado limitado e as motivações dominantes estão centradas nas necessidades em níveis costumeiros. A sociedade moderna, por sua vez, tinha todos os meios de produção apropriados de modo privado e concentrado na mão de empresários, o trabalho mercantilizado, permitindo eficiência, produtividade e um cálculo preciso sobre a contabilidade do capital; trabalho livre, que podia deslocar-se de acordo com a demanda; mercado como princípio organizador da distribuição do consumo; leis universais para todos os membros da sociedade; e como motivações dominantes o lucro ilimitado (SZ-TOMPKA apud. SANTOS FILHO, 2005).

A partir dessa distinção, os europeus passaram a interpretar seu importante papel modernizador: seriam aqueles que levariam, através da ciência e da racionalidade, a luz para os lugares mais escuros, o saber para os mais ignorantes, os atores catalisadores do processo evolutivo nas sociedades mais simples e tradicionais. Além de permanecer instituída na cultura europeia, esta crença foi difundida para as sociedades tradicionais que faziam parte de suas colônias ao longo do tempo. Como explica Santos Filho (2005, p.23), o período de descolonização e criação de organizações políticas embasadas nas ex-metrópoles demandou uma mutação e adaptação da concepção “de mudança social herdada do evolucionismo e do organicismo do século XIX [...] para explicar as diferenças existentes entre as sociedades do chamado Primeiro Mundo e do Terceiro Mundo.” e ainda “O *modus operandi* da adaptação e da transposição permitiu a metamorfose de uma demanda de exploração em um problema de exclusão só passível de ser equacionada pelos próprios Estados [...]”

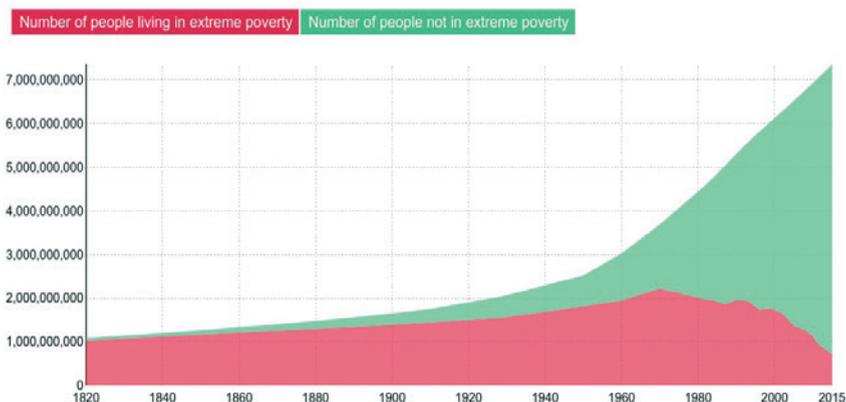
O período pós-segunda guerra está marcado por um sistema internacional fragmentado, no qual foi possível a criação de diversos Estados por causa do processo de independência de países africanos e asiáticos, a bipolarização do poder entre Estados Unidos e URSS e um rápido crescimento industrial, tecnológico e científico. A definição de sociedades tradicionais e modernas estava para ser denominada de outra maneira: a partir do discurso de Truman em 1949, o mundo estaria dividido entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Percebe-se neste ponto, que a noção hierárquica sobre o mundo social permanece internalizada, ou seja, os desenvolvidos continuam sendo os grandes responsáveis por levar o progresso aos primitivos e estagnados. Porém, é também trabalho das organizações políticas recém instituídas nesses povos, os Estados, alavancar este processo, seguindo os passos dos países desenvolvidos para que pudessem sair do estado de pobreza e ignorância (SANTOS FILHO, 2005). Segundo Habermas, o processo de modernização que as sociedades primitivas estariam sujeitas está principalmente influenciado pelo modo de produção de base extremamente racional:

[...] encontra-se muito mais em um estágio de desenvolvimento das forças produtivas que torna permanentemente a expansão dos subsistemas de ação racional com respeito a fins e que, por seu meio, coloca em questão os modos como as civilizações legitimam a dominação por meio de interpretações cosmológicas do mundo. (HABERMAS, 2014, p.94).

Portanto, seria através da criação de um mercado capitalista que o mundo denominado primitivo poderia alcançar a modernidade no processo evolucionário. Neste período, o Estado foi um ator central para assegurar a construção da lógica capitalista, buscando levar a industrialização, criar estratégias e políticas econômicas e aumentar a produtividade. O crescimento econômico era visto como um importante componente do ciclo virtuoso que promete trazer prosperidade, inserção internacional, tirar o atraso técnico dos métodos de produção, erradicando a pobreza e levando abundância e, por fim, desenvolvimento (SANTOS FILHO, 2005). A ânsia dos países subdesenvolvidos em desenvolver estava evidente nos seus respectivos esforços, discursos e políticas que põem tal meta como central e que buscam romper qualquer obstáculo que se põe no caminho deste progresso fortemente desejado. Como pode ser observado nos Gráficos 1 e 2, um acelerado crescimento econômico e redução da pobreza extrema são alguns dos frutos promovidos por esses esforços:

O gráfico 1 “População Mundial vivendo em pobreza extrema 1820-2015” (OUR WORLD IN DATA, 2016b) demonstra a redução desta estatística, tanto em dados absolutos quanto relativos ao longo do tempo. Observa-se um ponto de acentuação da curva de Número de pessoas que não estão em pobreza extrema entre as décadas de 1940 e 1960, o que mostra, além do aumento da taxa de natalidade, a redução da pobreza extrema em termos absolutos.

Gráfico 1: População Mundial vivendo em pobreza extrema 1820-2015



Fonte: (OUR WORLD IN DATA, 2016b)

O gráfico 2 “PIB Real per capita ao redor do mundo” (OUR WORLD IN DATA, 2016a) demonstra as curvas de crescimento econômico e a distribuição deste por regiões. Percebe-se que houve uma acentuação dessa curva também, entre os anos 1940 e 1960, das regiões subdesenvolvidas: Ásia, América Latina e de modo mais tímido, a África.

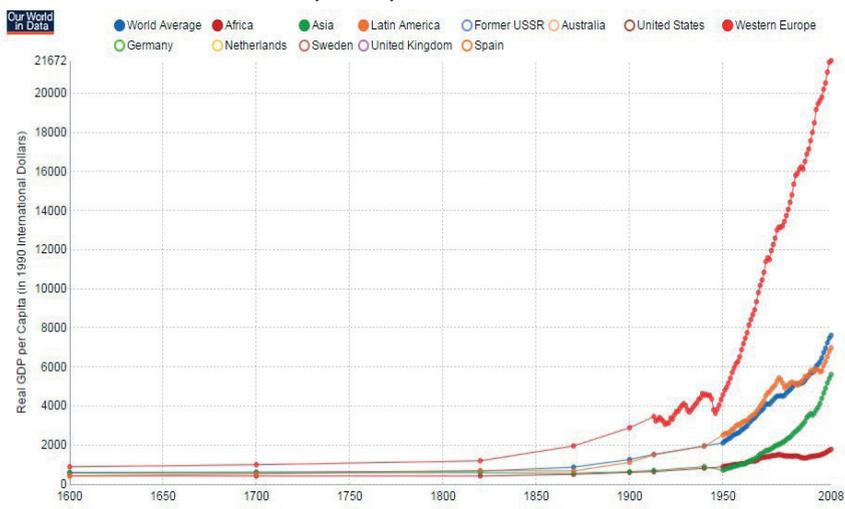
Os anos 1980 foram marcados por mais rupturas e adaptações ao conceito de desenvolvimento. A partir de um contexto econômico de crises recorrentes em diversas economias, dívidas públicas crescentes e um movimento político de centralização do poder e o decorrente rompimento com o modelo de democracia liberal nos países subdesenvolvidos somado à volatilidade progressiva adquirida pelo crédito internacional, foi formado o palco que impulsionaria uma onda de neoliberalismo na conjuntura internacional (BOYER, 2015). O Consenso de Washington¹ foi um marco impor-

1. O Consenso de Washington foi formulado em 1989 por economistas de instituições

tante para este período, uma vez que repercutiu na relação Estado-mercado e no volume de investimentos externos recebidos nos países em desenvolvimento. A partir disso, o Estado deixa de ser o principal ator do desenvolvimento, passando este posto para o mercado, como explicado por Santos Filho (2005, p.58)

[...] as prioridades dos Estados em termos de gerar desenvolvimento não é mais função de suas escolhas políticas como instância pública, mas estão subordinadas às opções do cálculo estratégico dos agentes econômicos na alocação de recursos e investimentos em decorrência de oportunidades de mercado.

Gráfico 2: PIB Real per capita ao redor do mundo



Fonte: (OUR WORLD IN DATA, 2016a)

Com o advento do neoliberalismo, o crescimento econômico passa a ser a principal variável do desenvolvimento. O enriquecimento individual é agora entendido como um maximizador das liberdades individuais e do prazer em uma lógica utilitarista, que tem uma relação diretamente proporcional ao crescimento econômico, que por sua vez passa a ser considerado o indicador mais importante para a qualificação de um país como desenvolvido, em desenvolvimento e subdesenvolvido. Então, para que se alcance esse fim, a abertura dos mercados e a instalação do Estado mínimo fo-

financeiras situadas em Washington D.C. Ele se baseou em uma série de recomendações que visavam o desenvolvimento e a ampliação do neoliberalismo no terceiro mundo (PENA, 2015).

ram expressas como medidas necessárias, uma vez que a entrada de crédito em grande escala e a regulação da economia pelo mercado desencadeariam no crescimento econômico acentuado dos países. Como consequência os cidadãos estariam mais aptos a encontrar oportunidades de enriquecer, mais empregos seriam oferecidos à população, a competição e a produtividade passariam por um processo de rápido crescimento (SANTOS FILHO, 2005).

O Capitalismo Financeiro é apontado por Boyer (2015) como uma novidade que surge nas etapas finais do século XX, é caracterizado pela alta circulação do crédito pelas economias de todo o mundo. Sua ocorrência foi possível apenas por causa da liberalização dos mercados, redução do controle de capital e da taxa de câmbio. Sua existência exige que este tipo de monitoração seja restringido e que a atuação do Estado na economia seja limitado. Boyer (2015) explica como se dá este processo:

[...] a globalização financeira exacerbou esse processo de desconexão entre o espaço econômico e o espaço político, porque os donos do capital podem retirar seu dinheiro de uma instituição ou centro financeiro e colocá-lo em qualquer outro, o que desagrega a base material do crescimento com consumo e produção em massa dentro do território nacional. (BOYER, 2015, p. 306, tradução nossa)².

O desdobramento deste sistema financeiro influenciou no conceito de desenvolvimento de maneira que, ao reduzir o papel do Estado como ator de desenvolvimento e reforçar o papel do capital, também se reduziu o ideal de igualdade para a promoção da competição e do lucro. O trabalho agora é visto como custo que deve ser, de toda maneira, minimizado através da busca incessante de mão de obra mais barata, uma prática que aumenta a desigualdade social das sociedades ao redor do mundo em nome da produtividade e do crescimento econômico. É interessante ressaltar que, para o crédito internacional, pouco importa quais são as condições de trabalho, o regime político e a relação com o meio ambiente em questão, o fator de maior relevância é o lucro prometido no ato do investimento.

Atualmente, um amplo debate sobre o conceito de desenvolvimento sucede em um contexto que os problemas ambientais e

2. [...]la globalización financiera exacerbó este proceso de desconexión entre el espacio económico y el espacio político, porque los dueños del capital podían retirar su dinero de una institución o centro financiero y colocarlo en cualquier otro, lo que desagregaba la base material del crecimiento con consumo y producción en masa dentro del territorio nacional.

sociais eclodem em nível internacional. São muitos os intelectuais que se arriscam a anunciar que a manutenção da lógica capitalista está insustentável, criticando duramente diversos aspectos desenvolvidos por essa lógica, vide Noam Chomsky, Tomas Piketty, Immanuel Wallerstein, Pierre Bourdieu, Gilles Lipovetsky, Alberto Acosta, Fritjof Capra, dentre vários outros. O volume de publicações³ sobre o tema meio ambiente é enorme, de modo que é muito recorrente a produção de pesquisas que estão permeadas por previsões pessimistas sobre o futuro do planeta terra se continuarmos com o modo insustentável capitalista. No campo social, diversas publicações⁴ apontam as falhas do sistema atual, que não consegue resolver o problema mais básico e urgente das nações subdesenvolvidas: a miséria. Ele ainda é julgado como o grande causador do aumento da desigualdade social, extrema individualidade, dentre outros problemas sociais profundos.

Mediante este período de questionamentos, uma reformulação sobre o conceito de desenvolvimento é inevitável. Alguns aspectos que vão além do crescimento econômico estão sendo incluídos neste conceito e ganhando valor para a avaliação de quem realmente se encaixa no grupo dos desenvolvidos e quem está entre os subdesenvolvidos. A ONU começou a contribuir para a ampliação dessa discussão no final dos anos 1980 com a ideia de Desenvolvimento Humano, incorporando ao IDH a saúde e a educação. Entretanto, mais recentemente, serviu de palco para a elaboração dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, que reúne dezessete diferentes objetivos ligados às áreas ambiental, social e econômica. Objetivos que vão desde a erradicação da pobreza ao combate às mudanças climáticas compõem um novo quadro de objetivos que ajudam na construção de um novo conceito para desenvolvimento.

Para além do desenvolvimento sustentável, existem outras teorias que propõem a introdução de variados meios e fins ao desenvolvimento, incluindo valores inovadores para a discussão, por exemplo o direito da natureza e a igualdade dos povos. Dentre as novas maneiras de pensar o desenvolvimento, destacam-se a Ecologia Profunda, desenvolvida principalmente pelo norueguês Arne

3. Publicações como: *Limites para o Crescimento*, *Primavera Silenciosa*, *Earth in the Balance*, *Nosso Futuro Comum*, *Beyond the Limits*, *Pontes para o Desenvolvimento Sustentável*, *Our Ecological Footprint*, *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*.

4. Publicações como: *Secrets, Lies and Democracy*, *The Price of Inequality*, *A framework for Understanding Poverty*, *Plutocrats: The Rise of the New Global Super-Rich and the Fall of Everyone Else*, *Economic Growth and Income Inequality*, *The Unwinding*.

Næss na década de 1970, e o Bem Viver. A seguir, será apresentado a teoria do Bem Viver, que busca romper com o conceito tradicional de desenvolvimento ao ponto que, considerada por Gudynas (2011), é uma alternativa ao desenvolvimento e não um desenvolvimento alternativo.

O Bem Viver

A discussão sobre o Bem Viver - tanto na arena acadêmica como política da atualidade - reflete a demanda por alternativas ao desenvolvimento clássico e ao modelo capitalista em algumas sociedades latino-americanas. Para aproximarmos deste novo conceito, utilizaremos a princípio a ideia de que o Bem Viver é uma espécie de plataforma em que críticas ao desenvolvimento tradicional e alternativas para o mesmo se encontram e são discutidas. Essas alternativas buscam articular os saberes indígenas, principalmente advindos das culturas andinas milenares, com valores ocidentais modernos, em um diálogo sem nivelção hierárquica.

O termo Bem Viver advém da expressão quéchua Sumak Kawsay⁵, que por sua vez foi utilizado por séculos nas comunidades andinas como uma ética que ordena a vida em comunidade e o próprio sentido da vida. Para uma tradução literal, temos Suma como sublime, plenitude, excelente, magnífico e Qamaña como viver e conviver (MAMANI, 2010). Entretanto, o termo Sumak Kawsay transcende a superficialidade de um entendimento literal, levando consigo a ideia de harmonia do indivíduo consigo, com a comunidade e com o todo que o rodeia. Opondo-se à alienação moderna, o Bem Viver traz a ideia de sensatez, que ao ser interpretada nos dias de hoje, é traduzida como a deslocação da atenção do homem moderno sobre o consumo, o materialismo, o trabalho altamente dividido e a individualidade para a comunidade, a harmonia, o equilíbrio.

Para assimilarmos melhor o conceito de Bem Viver, precisamos buscar entender a cosmovisão dos povos andinos, uma vez que ela diverge da ocidental moderna em vários aspectos. A cosmovisão andina está na base da construção do Bem Viver, de modo que ela impacta em todos os aspectos que o compõem: desde a ideia de comunidade, à noção jurídica, econômica, relação homem-natureza, educacional, valores, dentre vários outros. Os pontos chave

5. Também conhecido como Suma Qamaña em aimará, como é mais falado na Bolívia, ou ainda Teko Porã em guarani, língua oficial no Paraguai junto com o espanhol.

que compõem sua cosmovisão são: em primeiro lugar, tais povos consideram que tudo aquilo que os rodeia é vivo e por sua vez é importante; segundo, tudo está interconectado e interrelacionado, impactando a ideia de equilíbrio, de modo que tanto as partes como o todo devem estar em harmonia (estes dois primeiros aspectos, em específico, são de grande importância para a construção do conceito de comunidade, como veremos à frente); em terceiro, entende-se que a vida passa por ciclos de ascensão e declínio, atividade e passividade, e que deve-se viver em harmonia com esses ciclos; por fim, é da cosmovisão andina que tudo compõe apenas um corpo de modo que as partes dependem uma da outra e se complementam (MAMANI, 2010).

Apesar de ser um conceito novo e em construção, o Bem Viver já se mostrou amplo e complexo, abarcando diversos aspectos dos variados setores da sociedade e efetivamente promovendo o diálogo com os saberes dos povos indígenas andinos e amazônicos. Aceitando múltiplas definições, o conceito de Bem Viver pode ser demarcado por discursos mais abstratos como o de René Ramirez⁶, que classifica o Bem viver como um conceito vivo:

(O Bem Viver ou *sumak kawsay* é) a satisfação das necessidades, a consecução de uma qualidade de vida e morte dignas, o amar e ser amado e florescimento saudável de todos, em paz e harmonia com a natureza, para a prolongação das culturas humanas e da biodiversidade.

O Bem Viver ou *sumak kawsay* presume um tempo livre para a contemplação e a emancipação, e para que as liberdades, oportunidades, capacidades e potencialidades reais dos indivíduos/coletivos se ampliem e floresçam de modo que permitam o sucesso simultâneo de aquilo que a sociedade [...] valoriza como objetivo de vida desejável (tanto material como subjetivo, sem produzir nenhum tipo de dominação ao outro), (RAMIREZ apud GUDYNAS, 2011, p.7, tradução nossa).⁷

6. René Ramirez é formado em Economia e atualmente atua como Secretário de Educação Superior, Ciência e Tecnologia e Inovação do Equador.

7. (El Buen Vivir o *sumak kawsay* es) la satisfacción de las necesidades, la consecución de una calidad de vida y muerte dignas, el amar y ser amado, y el florecimiento saludable de todos, en paz y armonía con la naturaleza, para la prolongación de las culturas humanas y de la biodiversidad.

El Buen Vivir o *sumak kawsay* supone tener tiempo libre para la contemplación y la emancipación, y que las liberdades, oportunidades, capacidades y potencialidades reales de los individuos/colectivos se amplíen y florezcan de modo que permitan lograr simultáneamente aquello que la sociedad, [...] valora como objetivo de vida deseable (tanto material como subjetivamente, sin producir ningún tipo de dominación a un otro).

Mas também é caracterizado por termos delimitadores, como o colocado por Seoane:

longe das visões que o interpretam em termos de uma revalorização nostálgica do passado comunitário indígena, ou que o restringem a um código de hábitos mais ou menos ambientalmente sustentáveis, ou que enfatizam sua narrativa indígena como único e novo fundamentalismo transformador, o horizonte do bem viver se inscreve em uma matriz de mudança e praxis muito mais ampla e densa. (SEOANE apud FÉLIZ, 2014, p.38, tradução nossa).⁸

E ainda por uma definição mais concreta, exposta por Larrea (2010):

o Sumak Kawsay implica em melhorar a qualidade de vida da população, desenvolver capacidades e potencialidades; contar com um sistema que promova a igualdade através da redistribuição social e territorial dos benefícios de desenvolvimento (LARREA apud. SIMBAÑA, 2011, p. 223, tradução nossa).⁹

É possível concluir que o Bem Viver vai além do pensamento racional ocidental e seu modo ontológico de perceber o mundo. Em outras palavras, é um conceito que se constrói fora da lógica capitalista e do pensamento cartesiano e utilitário da modernidade, abrindo espaço para um confronto com essas maneiras de entender a vida em sociedade. Ele procura construir um futuro diferente daquele proposto pelo desenvolvimento atual, buscando mudanças substanciais na relação entre as pessoas e com a natureza.

A mudança básica proposta pelo Bem Viver, que regerá os outros quadros societários, é a instituição da noção comunitária na sociedade, isto é, o processo transformatório em que a expansão do espaço individual dá lugar para a vida em comunidade. Neste processo de transição, valores como competição, acumulação, egoísmo, liberdade individual, consumismo disputa de poder devem ser substituídos pela solidariedade, coletividade, reciprocidade, equidade, igualdade, irmandade, e ainda, por um sistema de propriedade coletiva, a relação de convivência com

8. Lejos de aquellas visiones que lo interpretan en términos de una revalorización nostálgica del pasado comunitario indígena, o que lo restringen a un código de hábitos más o menos ambientalmente sustentables o que enfatizan Su narrativa indigenista como único y nuevo fundamentalismo transformador, el horizonte del buen vivir se inscribe en una matriz de cambio y praxis mucho más amplia y densa.

9. El sumak kawsay implica mejorar la calidad de vida de la población, desarrollar capacidades y potencialidades; contar con un sistema económico que promueva la igualdad a través de la redistribución social y territorial de los beneficios del desarrollo.

a natureza, a responsabilidade social e os consensos (MARCAS apud. SIMBAÑA, 2011). Além disso, essa nova comunidade conta com a inclusão da natureza enquanto ente com direitos próprios, para além da aglomeração de seres humanos. A aspiração de vida em harmonia vêm como mediador das relações dentro desta comunidade, impactando positivamente na vida das pessoas e na reprodução da natureza. No sistema internacional, uma relação cooperativa e complementar entre os Estados, em detrimento da organização competitiva e dominadora atual, seria o principal desdobramento desta alteração de valores.

A economia prevista pela lógica do Bem Viver tem como ponto central de sua própria existência o suprimento das necessidades básicas de toda a comunidade (seres humanos e natureza). Para isso, ela aceita como pressuposto, serem “formas comunitárias e cooperativas de produção e reprodução social (de economia popular) com base na cooperação, solidariedade e respeito à natureza” (FÉLIZ, 2015, p.37, tradução nossa).¹⁰ Portanto, para alcançar este propósito, o modo de produção do Bem Viver seria igual ao modelo atual, de alta divisão do trabalho? Ou seria divergente, rompendo com o modelo capitalista? De certa forma, o modo de produção econômico proposto para o Bem Viver seria divergente do atual, uma vez que os diálogos com as formas indígenas de reger a economia ajudariam para a construção de uma nova forma de produção que possam superar o paradigma técnico-científico e produtivista capitalista (FÉLIZ, 2015). Essa nova maneira de produzir, segundo Feliz (2015), leva como pontos principais a auto-gestão dos negócios, a organização não hierárquica e a facilitação da gestão popular e democrática sobre os recursos gerados. Desse modo, a economia seria movida e organizada pelas necessidades populares, sendo que a acumulação de capital seria jogada para segundo plano, a fim de assegurar a preservação da vida na terra e de promover uma vida harmônica e comunitária.

Raul Alcoreza (2011) também faz sua abordagem sobre a ordenação econômica para o Sumak Kawsay, expondo seis pilares fundamentais para sua constituição. São eles:

-Expansão do Estado “que intervém”, para que participe ativamente no aparato produtivo. [...]

10. Sus presupuestos son las formas comunitarias y cooperativas de producción y reproducción social (de economía popular) con base en la cooperación, la solidaridad, y el respeto a la naturaleza.

- Industrialização dos recursos naturais para superar a dependência da exploração de matérias primas.
- Modernização e tecnificação da pequena e média produção urbana e rural e da economia comunitária.
- Estado “redistribuidor” e “reinvestidor” do excedente econômico, que garantirá que as riquezas fiquem dentro do país, para a promoção da economia comunitária.
- Satisfação do mercado interno em primeiro lugar e em seguida a exportação.
- Reconhecimento e promoção da economia comunitária como sujeitos de crédito e sujeitos de direito. (ALCOREZA, 2011, p.248-249, tradução nossa)¹¹

Ao tratar desse assunto de maneira mais concreta se comparado a Féliz, o autor busca entender melhor como são os meios para romper-se com uma economia orientada pelo acúmulo de capital para uma economia comunitária. Para isso, Raul Alcoreza (2011) atribui ao Estado o papel principal neste período de transição, como um ator que promoverá, reconhecerá, protegerá e respeitará o novo modelo econômico. É ele que deve conduzir o processo de planificação para a economia social, por meio de consultas aos cidadãos. Ele ainda defende que a economia deverá respeitar a natureza, de modo que “[...]se faz necessária a promoção da economia comunitária como reprodutora de um modelo ecológico, onde as decisões sobre o ritmo de desenvolvimento de cada modelo na região são tomadas de forma consultada e participativa[...]” (ALCOREZA, 2011, p.248, tradução nossa).¹²

Ao abordar a perspectiva da política no Bem Viver, é concordado que o Estado é um agente de papel importante, aquele que irá garantir as mudanças sociais necessárias. Para tal, suas

11. • Expansión del Estado “interventor”, para que participe activamente en el aparato productivo. [...]

- Industrialización de los recursos naturales para superar la dependencia en la exportación de materias primas.
- Modernización y tecnificación de la pequeña y mediana producción urbana y rural y economía comunitaria.
- Estado “redistribuidor” y “reinvertor” del excedente económico, que garantice que las riquezas se queden dentro del país, para la promoción de la economía comunitaria, el apoyo a la pequeña y mediana producción y cooperativas, el potenciamiento del Estado interventor y en beneficio de la población.
- Satisfacción primero del mercado interno, y luego la exportación.
- Reconocimiento y promoción de la economía comunitaria como sujetos de crédito y sujetos de derecho.

12. [...] se hace necesaria la promoción de la economía comunitaria como reproductora de un modelo ecológico, donde las decisiones sobre el ritmo de desarrollo de cada modelo en la región son tomadas de forma consultada y participativa [...]

políticas devem estar direcionadas a favor dos valores defendidos pelo Bem Viver, reconhecendo e fortalecendo as práticas que asseguram a vida harmônica e em comunidade. É também de suma importância que o Estado realoque os recursos excedentes gerados pela economia de maneira justa e comum, lembrando que agora o objetivo número um não é mais a reprodução do capital, mas garantir mínimas condições de vida para a comunidade (FÉLIZ, 2015).

Uma análise sistemática sobre como esse novo Estado deve ser estruturado é formulada por Alcoreza (2011). Uma revolução institucional deverá ser o palco para as mudanças no modo de organização do Estado em relação às questões de gestão de bens e serviços públicos e solução de problemas de interesse comum, de modo que o Estado possa se desfazer dos velhos hábitos, apontadas por ele como práticas oligárquicas, colonialistas, egoístas, paternalistas, racistas, individualistas e de inércia governamental. Uma administração governamental orientada pelo consenso, baseada em relações de confiança e que tenha suas contas submissas à esfera pública deverá tomar espaço na mudança proposta. Desse modo, haverá a devolução daquilo que é público à sociedade, fazendo com que o Estado possa refletir as múltiplas realidades locais formadoras de uma sociedade plurinacional, multiétnica e pluricultural (ALCOREZA 2011).

Por fim, o Bem Viver convida a sociedade ao questionamento ontológico sobre o conhecimento que carregamos acerca de temas como natureza, desenvolvimento, modernidade, dentre outros. Tal questionamento nos permite uma aproximação de diferentes visões de mundo, com a finalidade de podermos reformular a nossa própria cosmovisão. Como explica Gudynas:

[...] o Bem Viver também faz visível a existência de “outras” ontologias, aquelas que são construídas de outra maneira com seus próprios mecanismos, para gerar validez e certeza, e que entendem, valorizam e apreciam seus mundos de forma diferente. [...] Nesse plano, aparecem as ontologias dos distintos povos indígenas, ao mesmo tempo em que alguns questionamentos que trazemos da nossa herança ocidental permite-nos ‘compreender’ ou ‘sentir’ que o projeto da modernidade se esgotou, e que alcançamos um ponto crítico que permite ‘ver’ essas ontologias, não necessariamente entendê-las em toda sua complexidade, mas ao menos observar suas manifestações, reconhecê-las como alternativas válidas e respeitáveis, inspirar-se nelas Towards a genealogy of ‘society’ in

International Relations e reapropriá-las para transformar nossas próprias cosmovisões. (GUDYNAS, 2011, p.14, tradução nossa).¹³

Contraposições ao desenvolvimento e ao capitalismo

As discussões promovidas pelos autores do Bem Viver permitiram que diversas contraposições ao atual modelo capitalista, assim como ao ideal de futuro difundido pelo conceito de desenvolvimento tradicional. Analisando primeiramente as críticas ao desenvolvimento segundo o ponto de vista do Bem Viver, é possível identificar seu caráter **dominador e limitado**. O primeiro está relacionado à ideia de desenvolvimento como modernização, que, como analisado anteriormente, visa pregar a legitimidade da maneira europeia de se organizar social, econômica e politicamente nos países considerados atrasados. A ideia de evolução e progresso atribuída à um modo de desenvolvimento universal fortemente atrelado ao crescimento econômico é julgado como uma ideologia dominante que se disseminou pelos países atrasados, de acordo com o pensamento Europeu. Para este ponto, o Bem Viver reconhece que não deve haver hierarquia cultural, de modo que não haja dominação cultural, para que os diferentes modos de pensar o mundo e de organizar as sociedades sejam assimilados fazendo com que uma terceira cultura surja. E ainda, tais assimilações deverão ocorrer de acordo com as culturas presentes no contexto em questão.

Seu caráter limitado se dá exatamente na relação estreita entre crescimento econômico e o desenvolvimento. A ideia de que o crescimento econômico é o fato causador da redução da miséria, o provedor da prosperidade e condutor do processo de desenvolvimento é contestada pelos pensadores do Bem Viver, uma vez que um aumento da desigualdade, da violência e de tantos outros problemas sociais se mostraram como consequências desta forma de crescimento. Como afirma Gudynas: “Em muitos casos, os PIBs [dos países] incrementaram e as exportações dispararam, mas pou-

13. [...] el Buen Vivir también hace visible que hay “otras” ontologías, las que son construidas de otra manera y con sus propios mecanismos para generar validez y certeza, y que entienden, valoran y aprecian sus mundos de forma diferente. [...] En ese plano aparecen las ontologías de los distintos pueblos indígenas, mientras que algunos de los que venimos de la herencia occidental, “comprendemos” o “sentimos” que el proyecto de la Modernidad se ha agotado, y hemos alcanzado un punto crítico que permite “ver” esas otras ontologías, no necesariamente entenderlas en toda su complejidad, pero al menos observar sus manifestaciones, reconocerlas como alternativas válidas y respetables, inscribirse en ellas y reapropiarlas para transformar nuestras propias cosmovisiones.

co ou nada melhorou quanto às condições sociais e ambientais.” (GUDYNAS, 2011, p.3, tradução nossa).¹⁴ Segundo a lógica do Bem Viver, dizer que o acúmulo de capital é relativamente proporcional ao bem estar é extremamente equivocado, de forma que o estar bem é estar em harmonia com toda a comunidade. Nesse sentido, a visão do Bem Viver se encontra mais profunda que uma visão meramente materialista, sendo incompatível com a desigualdade e a ganância causadas e causadoras deste acúmulo. Por fim, contesta-se o fundamentalismo atribuído ao conceito de desenvolvimento, pois uma vez que ele é visto como o único caminho de evolução, outras possibilidades são fechadas, afetando assim a cosmovisão da sociedade em direção da alienação. As outras visões de mundo são incluídas exatamente para romper com esta perspectiva alienada que acredita no desenvolvimento como o único caminho para a evolução humana.

Entretanto, o Bem Viver vai além das discussões acerca do conceito de desenvolvimento, ele pretende romper com a própria lógica capitalista de organização social e de modo de viver. Um paralelo entre viver melhor e viver bem é posto para demonstrar claramente a diferença entre os modos de vida propostos por cada lógica. A primeira é proveniente da lógica capitalista, que por sua vez afirma a busca incessante de dinheiro, poder, fama, consumo e que usa da natureza como um objeto para alcançar seus fins. O viver melhor é direcionado ao futuro e utiliza da racionalidade utilitarista para se orientar. Por outro lado, o viver bem busca uma vida harmônica e em comunidade, onde a condição de todos e de cada um dos cidadãos é importante, como explicitado pelos preceitos da cosmovisão andina analisada anteriormente. Ele ainda se afirma incompatível com o luxo, a opulência, ostentação e consumismo que compõem o viver melhor. Por fim, a segunda lógica trata a natureza como componente para a sua noção comunitária, deixando de ser objeto para alcançar um fim.

A perspectiva individualista perde sentido para a comunitária no Bem Viver, pois é inferido que não há como um viver bem se todos os outros estão vivendo mal. O lugar da competição, que reafirma o individualismo, é ocupado pela solidariedade, em que a comunidade aparece como ponto principal da organização social, e que passa a articular as relações sociais. Ou seja, a forma mercantil

14. En muchos casos, los PBI se han incrementado y las exportaciones se han disparado, pero poco o nada se ha mejorado en cuanto a las condiciones sociales y ambientales.

capitalista que busca expandir tudo aquilo que é objeto de mercado, chegando às relações sociais e até ao corpo humano é substituída pela noção cooperativa e solidária, que traz de volta uma característica mais “humana” tanto aos relacionamentos quanto ao entendimento do próprio ser humano. Por fim, o racionalismo exacerbado pregado no capitalismo é contestado e ainda identificado por alguns pensadores do Bem Viver como uma ferramenta para manipulação e dominação. Outras formas de entender o mundo e de se relacionar com ele devem ser desenvolvidas, para que a ruptura com o atual sistema ocorra. Como explica Gudynas (2011):

[...] o Bem Viver implica mudanças profundas nas ideias sobre o desenvolvimento que estão de correções e ajustes. Não é suficiente tentar ‘desenvolvimentos alternativos’, já que eles se mantêm dentro da mesma racionalidade de entender o progresso, o uso da Natureza e as relações entre os humanos (GUDYNAS, 2011, p.3, tradução nossa).¹⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, foi analisada a linha histórica que permeia o conceito de desenvolvimento. A partir disso, foi possível identificar um movimento de mudanças neste conceito, no qual novos aspectos foram agregados eventualmente, outros perderam importância, mas, dependendo do espaço e do tempo, alguns aspectos foram retomados, moldando tal conceito ao longo do tempo. Hoje em dia, compreende-se que a ideia de modernização como um processo em que as sociedades vistas como atrasadas devem buscar colocar-se ao lado das nações ocidentais modernas na linha evolutiva, abre lugar para a importância do crescimento econômico, ou seja, do acúmulo de capital em si, com a onda neoliberal dos anos 1990. Ou seja, a modernização continua sendo importante para o conceito de desenvolvimento, no entanto, o crescimento econômico surge como objetivo número um para alcançar o patamar de desenvolvido tão almejado pelos Estados.

No entanto, novas demandas sociais e ambientais ganharam força durante os últimos 50 anos, as quais exerceram papéis importantes para que aspectos de defesa ao meio ambiente e er-

15. [...] el Buen Vivir implica cambios profundos en las ideas sobre el desarrollo que están más allá de correcciones o ajustes. No es suficiente intentar “desarrollos alternativos”, ya que estos se mantienen dentro de la misma racionalidad de entender el progreso, el uso de la Naturaleza y las relaciones entre los humanos.

radicação da miséria fossem discutidos. Várias formas de desenvolvimento alternativo passaram a compor este conceito e ainda, algumas propostas de alternativas ao desenvolvimento se arriscam a romper com a lógica capitalista dominante, dentre elas, o Bem Viver. Essa nova lógica busca reformular os valores instituídos nas sociedades atuais, tendo como palco principal a América Latina. A partir do diálogo com culturas andinas, é possível trazer à tona novas cosmovisões que passarão a integrar a maneira que o homem moderno vive e que vê o mundo. A lógica comunitária e solidária são pontos centrais do Bem Viver e, é a partir deles, que se desdobrarão o novo modo do homem se organizar econômica, social e politicamente.

Finalmente, a lógica do Bem Viver identifica diversos fatores limitantes e dominantes do desenvolvimento, e ainda faz uma crítica estrutural ao capitalismo. A alienação, o individualismo, a competitividade, o reducionismo, a objetificação da natureza, o racionalismo, o utilitarismo dentre vários outros aspectos são identificados como os causadores do momento crítico em que nos encontramos agora. Entende-se, a partir do Bem Viver, que a lógica do viver melhor está fadada à ilusão de que a realização material é provedora de felicidade. Ela é vista como fomentadora de diversos problemas sociais, como a violência, a miséria, os problemas ambientais. Em contraposição, uma mudança substancial de valores é proposta pelo bem viver, levando como ponto central a lógica de viver bem, ou viver em harmonia.

REFERÊNCIAS

- ALCOREZA, Raúl Prada. El vivir bien como modelo de Estado y modelo económico. In: LANG, Miriam; MORKANI, Dunia. (Org.). **Más allá del desarrollo**. Quito: Fundación Rosa Luxemburg, 2011.
- BOYER, Robert. Crecimiento, empleo y equidad: el nuevo papel del Estado. In: BÁRCENA, Alicia; PRADO, Antonio. (Org.). **Neoestructuralismo y corrientes heterodoxas en América Latina y el Caribe a inicios del siglo XXI**. Santiago de Chile: Naciones Unidas, 2015.
- FÉLIZ, Mariano. ¿Qué hacer... con el desarrollo? Neodesarrollismos, buenvivir y alternativas populares. **Sociedad y economía**, Cali, n.28, p.29-50, set. 2015.
- GUDYNAS, Eduardo. Buen vivir: Germinando alternativas al desarrollo. **América Latina en Movimiento**, Quito, n.462, p.1-20, fev. 2011.
- HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. In: HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. São Paulo: UNESP, 2014.

KUBITSCHKEK, Juscelino. Na Associação Comercial de Santos, sobre café, relações internacionais, investimentos estrangeiros e outras questões de desenvolvimento nacional. In: PINTO, Luiza Helena Nunes. **Discursos selecionados do presidente Juscelino Kubitschek**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

MAMANI, Fernando Huanacuni. **Buen Vivir/ Vivir Bien**: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Lima: CAOI, 2010.

OUR WORLD IN DATA. Real GDP per capita around the world (PPP adjusted), since 1600. [S.l.]: Our World in Data, 2016a. Growth Over the Last Centuries. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/gdp-growth-over-the-last-centuries/>>. Acesso em: 15 out.2016.

OUR WORLD IN DATA. World population in extreme poverty, 1820-2015. [S.l.]: Our World in Data, 2016b. Disponível em: < <https://ourworldindata.org/grapher/world-population-in-extreme-poverty-absolute?%2Flatest=undefined>>. Acesso em: 15out.2016.

PENA, Rodolfo. **Consenso de Washington**. [S.l.]: Brasil Escola, 2015. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/consenso-washington.htm>>. Acesso em: 20 out. 2016.

SANTOS FILHO, Onofre. O fogo de Prometeus nas mãos de Midas: desenvolvimento e mudança social. In: CAMPOS, Taiane Las Casas. (Org.). **Desenvolvimento, desigualdades e relações internacionais**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

SIMBAÑA, Floresmilo. El sumak kawsay como proyecto político. In: LANG, Miriam; MORKANI, Dunia. (Org.). **Más allá del desarrollo**. Quito: Fundación Rosa Luxemburg, 2011.

WEISZFLOG, Walter. Desenvolvimento. In: WEISZFLOG, Walter. **Dicionário Michaelis**. [S.l.]: Melhoramentos, 2016. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=desenvolvimento>>. Acesso em: 10 out. 2016.

*Recebido em: 05/12/2016
Aprovado em: 16/01/2017*